

ação na mídia

Análise da cobertura de educação



Edição nº 14 - 16 de fevereiro de 2007

veja as
edições
anteriores

Enem e Saeb: jornais destacam o baixo desempenho e elaboram rankings de melhores escolas

A divulgação dos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), os principais exames de avaliação dos estudantes da educação básica, recebeu ampla cobertura na mídia impressa brasileira durante a primeira quinzena de fevereiro.

Além das matérias que abordaram os resultados gerais dos exames, destacando a piora no desempenho dos alunos em ambos os exames, especialmente nas redes públicas, a maioria dos jornais publicou *rankings* das escolas (*Estado de Minas* e *Correio Braziliense*, por exemplo) e/ou dos estados (*O Globo*) com as melhores e piores médias. A *Folha de S. Paulo* (8/2) foi o único a informar, por meio de uma pesquisadora entrevistada, que “há uma deturpação do Enem ao se fazer essa comparação [entre escolas]. O Enem foi criado para avaliar o indivíduo e não a escola”. Ainda assim, o jornal publicou um caderno especial sobre os resultados, em grande parte dedicado às “10 escolas tops do Enem”.

O *Correio Braziliense* faz uma advertência parecida, ao publicar, junto com o *ranking* das escolas públicas e privadas com melhores e piores resultados, um box que relativiza a importância da classificação. “Pequenas diferenças são normais entre os primeiros colocados e não justificam a mudança de escola. Comparações com anos anteriores podem apresentar distorções, já que o nível de dificuldade varia”.

Melhores e piores

Aliás, de maneira geral, predominaram as matérias sobre as “melhores escolas” em cada estado, destacando o que é considerado o melhor desempenho das privadas sobre as públicas. *O Globo* destacou que o Rio de Janeiro tem 6 escolas entre as 20 melhores do país, todas particulares. *O Diário de Pernambuco* ressaltou que duas unidades educacionais do estado, uma federal e outra particular, “se destacaram em meio às vinte primeiras colocadas no país”.

Já em Goiás, *O Popular* (8/2) informou as duas instituições públicas e as duas particulares que obtiveram o melhor desempenho na capital e o *Diário da Manhã* (9/2) ressaltou o “método singular” baseado na disciplina de dois colégios militares bem colocados no Enem. E *A Notícia* (9/2) diz que “as dez melhores escolas de Santa Catarina, conforme as notas do Enem de 2006, estão localizadas nas maiores cidades do Estado. Todas são da rede particular de ensino”.

Seria bastante informativo que as reportagens buscassem, mais que comparar a classificação das escolas, estabelecer comparações entre as condições de ensino e aprendizagem das unidades. Interessante que a única abordagem nesse sentido tenha destacado a disciplina.

Na cobertura regional a tendência foi relacionar o resultado local com a média nacional, comparando a anos anteriores. Poucos veículos, entretanto, relacionaram essas informações com a política de educação implantada pelos governos nos últimos anos. Entre as exceções está a *Folha de S. Paulo* que buscou na voz de especialistas a explicação para a queda mais acentuada de São Paulo nos exames: a aplicação errônea do sistema de progressão continuada, o aumento do número de alunos por sala e a separação em escolas diferentes das duas etapas do ensino fundamental realizada na década de 90.

Na capital paulista, a exemplo do ocorrido nas eleições dos últimos oito anos, o sistema de ciclos e progressão continuada esteve no centro das discussões sobre a qualidade. No *Jornal da Tarde* (8/2) uma professora apontou a adoção da progressão continuada como motivo para a queda do desempenho dos alunos. O jornal deu o mesmo espaço para a secretária estadual de educação – que negou – e a um especialista para quem “muitas escolas têm de driblar desafios como salas de aula lotadas e falta constante de professores em muitas disciplinas. Esses fatores têm impacto direto na aprendizagem dos alunos”.

Novamente, como ocorreu durante o período eleitoral, perdeu-se a oportunidade de um debate público sobre qualidade da educação socialmente desejada, e políticas públicas para atingi-la. A exemplo dos anos anteriores, pelo menos no que diz respeito ao debate público, os resultados dos exames serviram apenas para estimular disputa estéril entre unidades de ensino.

Editoriais e enfoques diversos

Folha de S. Paulo (8/2) e *Jornal do Brasil* (13/2) coincidiram na análise de que a simples implementação do Fudeb não resolverá os problemas da educação brasileira. Defenderam a existência de um ambiente de cobrança de resultados nas escolas para que o desempenho dos alunos seja melhor e o acesso de pais e professores a resultados detalhados das avaliações. “Falta incentivo às escolas que mais avançam”, diz o jornal carioca. O paulistano *Agora* (9/2) também cobrou maior participação dos pais no aprendizado dos alunos.

O Jornal de Brasília (12/2) foi o único a relacionar diretamente “os péssimos resultados do último Enem” com “a política, ou melhor, a falta de política pública de governos federal, estaduais e municipais para a Educação”. *O Diário Catarinense* e *Zero Hora* (8/2) dizem de forma menos incisiva que “o resultado espelha a falta de investimentos num item que deveria ser a prioridade das prioridades”.

Já o *Correio Braziliense* (8/2) seguiu a tendência das reportagens de comparar o desempenho regional com média nacional e de outros estados e lamentou “que a guinada desqualificadora tenha atingido o Distrito Federal”. O mesmo caminho seguiu o gaúcho *Zero Hora* (9/2): “é ao mesmo tempo surpreendente e decepcionante que o Rio Grande do Sul não tenha emplacado nenhuma escola entre as 20 melhores do país” no Enem. Em ambos os casos fica a pergunta: o que ocorreu na política educacional desses estados?

Muito bem vindo o editorial de *O Globo* (9/2) que questiona o argumento de que a piora das médias obtidas pelos estudantes no Enem deve-se à expansão do ensino médio nos últimos anos. “No caso do Sudeste, houve redução no número de alunos: de 2002 a 2006, a região perdeu 250 mil matrículas no ensino médio, sem que isso impedisse a queda nas médias de português e matemática”.

De fato, a observação anula o argumento, fundado em premissas elitistas, de que a baixa qualidade da educação em geral deve-se à expansão das matrículas para as camadas populares. O mesmo argumento também tem justificado o melhor desempenho dos alunos das escolas privadas, responsabilizando estudantes e professores – em geral pobres -, por resultados que estão relacionados às condições de ensino e aprendizagem que lhes são ofertadas.

além da pauta

A cobertura dos resultados de exames de avaliação perde o sentido quando não são considerados os fatores que contribuem para o desempenho dos alunos.

O tema da qualidade na educação é bastante complexo e envolve diversos aspectos, como aponta a publicação ***Indicadores da Qualidade na Educação***.

São eles: o ambiente educativo (práticas que garantem a socialização e a convivência), a prática pedagógica, os processos de avaliação de alunos e profissionais de escola, a gestão escolar democrática, formação e condições de trabalho da equipe escolar, o espaço físico e, por fim, o acesso, a permanência e o sucesso na escola.

